



O TEMPO NAS LÍNGUAS KAINGÁNG E KAIOWÁ

Diana Pacheco de Souza
(PPGEL/UFMS)
Liliana Paredes Moreno
(PPGEL/UFMS)

Resumo: O presente trabalho apresenta e analisa, de forma preliminar, dados de duas línguas indígenas faladas, atualmente, no Brasil descrevendo o tempo em cada uma delas. Muito se tem estudado a descrição de línguas do mundo a fim de preservá-las e não deixarem cair em esquecimento. Mais comumente, no Brasil, estudiosos se interessam pelas línguas indígenas, as quais muitas estão morrendo, o que leva a uma questão: por que estão morrendo? A pesquisa pretende apresentar um aspecto de duas línguas distintas, a partir de estudos já feitos, a fim de entender como funciona uma pesquisa descritiva das línguas. É importante destacar que o trabalho de descrição é árduo e difícil, por isso leva muito tempo, muita pesquisa e estudo. Não se pretende aprofundar na descrição das línguas, é um estudo preliminar para pesquisas posteriores. As línguas analisadas são Kaiowá e Kaingáng, pertencentes a duas famílias linguísticas distintas, como o Tupi-Guarani e a família Macro-Jê. Será feita uma abordagem a temas como: partículas referentes a tempos, adjuntos adverbiais, relação de anterioridade ao Momento da Fala (MF), localizando o evento no Tempo e como se estabelece em cada língua. Tomou-se como base teórica duas teses em que abordam as línguas em questão. O objetivo da pesquisa é distinguir como o tempo é lidado em cada língua e quais palavras estão relacionadas ao tempo. Além de uma simples análise morfossintática, o objetivo é levar o leitor à importância de descrever a gramática de uma língua. Os resultados mostram as diferenças entre as citadas línguas e, principalmente, as semelhanças que consistem em que ambas usam palavras específicas para se referir a um determinado tempo. Entretanto, as diferenças estão em como cada língua se refere ao dito tempo, ou seja, todas as línguas se referem à nomenclatura presente, passado e futuro para se posicionar no tempo?

Palavras chave: Língua. Kaiowá. Kaingang.

Introdução

Graças aos pensamentos de Saussure e à introdução ao estudo sincrônico das línguas, sabemos que não só podemos estudar e descrever uma língua através do tempo, mas que também uma língua pode ser estudada e pode ser descrita em um estado concreto em algum “ponto” do tempo. Com essas descobertas surge a motivação pelos

estudos de outras línguas, não somente as pré-estabelecidas, mas também línguas mortas, ágrafas, línguas desconhecidas e as línguas indígenas. Já não é só mais importante a descrição das línguas literárias, mas de todas as línguas. “O estudo não pode, portanto, ser unilateral; as inovações das línguas têm igual importância” (SAUSSURE *apud* CAMARA, 1986, p. 229)

Depois do “Boom” da sincronia, muitos estudos têm sido desenvolvidos em torno das línguas indígenas menos privilegiadas ou comumente chamadas de línguas originárias. São muitos os linguistas, tipologistas, etnolinguistas que se interessam por conhecer como se estruturam e como funcionam essas línguas, que na maioria dos casos, ainda são ágrafas, ou estão em processo de normalização da escrita; fato que leva um desafio ainda maior para aqueles que buscam fazer a descrição dessas línguas.

Dentro da América Latina existem muitos povos e famílias de línguas que lutam pela manutenção de suas culturas e línguas e outras que, lamentavelmente, estão sendo esquecidas. No Brasil, das línguas não estudadas, cinquenta por cento possuem uma quantidade reduzida de falantes, menos de cem, número que as coloca numa condição de iminente extinção (RODRIGUES, 1993). Nesse sentido, sobressai qualquer estudo que seja realizado para descrever, estudar e compreender como são estruturadas essas línguas, porque pode ajudar em um intento de preservação da língua através de ter um conhecimento sobre elas.

Com todos esses antecedentes, propomos este trabalho que tem por objeto de estudo a descrição do “tempo” de duas línguas indígenas faladas atualmente no Brasil, o Kaiowá e Kaingáng, pertencentes a duas famílias linguísticas diferentes: Tupi-guarani e Macro-Jê. Faremos uma abordagem a temas como: partículas referentes a tempos, adjuntos adverbiais, relação de anterioridade ao Momento da Fala (MF), localizando o evento no Tempo e como aparecem os três tempos em cada língua.

Tempo na Língua Kaiowá

Contextualizando um pouco sobre a língua Kaiowá, segundo Schaden (1962 pag. 6) “os Guarani do Brasil Meridional podem ser divididos em três grupos: os Ñandéva, os Mbüá e os Kayová”. Estes grupos são também denominados no Brasil e no Paraguai, como Kaiowá ou Pai,-tavyterã; Mbyá ou Kayguã; Nhandeva ou Chiripá

Guarani. A língua Kaiowá ou Kayguã pertence à família linguística Tupi- Guaraní, uma das famílias linguísticas indígenas existentes no Brasil.

Ressaltamos que no Paraguai também se fala o Guarani Jopara, o Guarani “mesclado” com o Castelhana. No Brasil, esses grupos Guarani vivem nos estados de Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. A presença de índios Guarani em regiões tão extensas, segundo Melià (1992), se explica por uma tradição de migração atribuída à busca da “Terra Sem Males”.

A língua Guarani abrange uma grande área territorial e um grande número de falantes, possui estudos mais específicos sobre sua estruturação e sobre sua construção morfossintática. Nesta oportunidade, analisaremos como atuam os três tempos dentro de uma frase em Kaiowá. Assim, conheceremos como são estruturadas orações em presente, passado e futuro.

Em Kaiowa, de acordo com Cardoso (2008, p. 85), o morfema que marca o tempo presente é zero { \emptyset } e está em contraste com outros afixos e partículas referentes a outros tempos. Então, nessa língua, as palavras que indicam tempo, só podem indicar tempo passado ou futuro por meio de partículas que ocupam determinadas posições na sentença. Essas determinadas palavras adverbiais que fazem referência ao tempo podem ser: Koʔẽ = amanhã; kwehe = ontem; at: = agora. Estas partículas também podem ser omitidas dentro das frases.

Há outra partícula indicativa de tempo em Kaiowá que são os morfemas sufixais de categoria de tempo com suas respectivas propriedades: {-kwe ~ -ŋwe} (passado), {-rã} (futuro) e {-rãŋwe} (fut. pretérito). Como existe uma marca diferenciadora de tempo que indica o futuro ou passado em Kaiowá, é interessante descrevê-las separadamente com exemplos.

Tempo Passado em Kaiowá

Como marca de passado recente (ou nao-futuro), encontramos a partícula {-ku’ri-}. Outras formas podem indicar o tempo passado em Kaiowá. Em sentenças com verbos nominalizados pelo morfema {-ha-}, o afixo marcadores de tempo passado {-re-} e {-ŋwe-} e em outras sentenças com verbos nominalizados por {-waʔe-}, o sufixo {-kwe-}. Cardoso (2008, p. 86) exemplifica essa teoria:

Tabela 1: Tempo pretérito em Kaiowá

Pretérito em Kaiowá	
Particula de tempo	Frase
-Ku'rí-	[ʃe a'ha ku'ri teko'ra] ʃe a- ha ku'ri teko'ra eu 1a.sg- ir Pass aldeia (eu fui à aldeia)
-ha- -re-	[õmõnda'ha re] Õ- mõnda -há -re 3a.sg-roubar- Nom- Pass (ex-ladrão)
-ŋwe-	kaʔitt-kue o-ŋapo -ha-ŋwe n-o-ŋapo-í farinha 3ra fazer Nom. Pass. Neg. 3ra. Fazer Neg. (chicha que era de farinha não foi feita)
-waʔe-	Kũŋmaʔe o-í- nupã o- øŋuka moŋ-pe homen 3ra dir. bater 3ra dir. matar cobra o-i- suʔu waʔe-kwe Kunũmĩ-pe. 3ra picar. Nom. Pass. Menino. (o homen bateu e matou a cobra que mordeu o menino)
	oŋa- kwe casa- nom.pass.

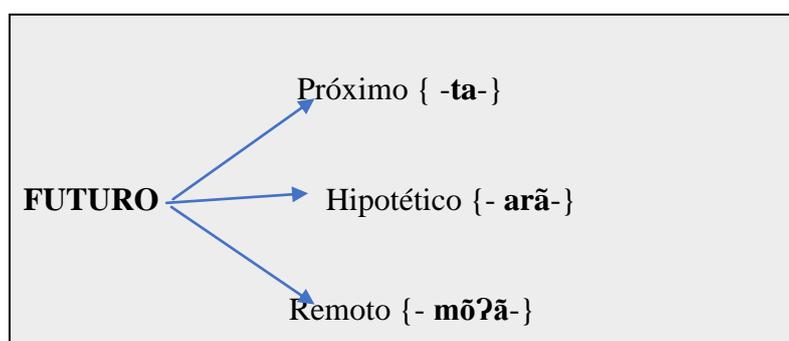
-kwe-	(ex-casa) tẽmireko-kwe esposa- Nom.pass. (ex-mulher)
-------	--

(Cuadro elaborado por Paredes Moreno)

Tempo futuro em Kaiowá

Na lingua Kaiowá se utilizam três sufixos que indicam o tempo futuro, e pode-se indicá-los dessa forma:

Tabela 2: sufixos que indicam futuro em Kaiowá



(Cuadro elaborado por Paredes Moreno)

Em exemplos dados por Cardoso (2008, p. 87), percebe-se como essas partículas funcionam nas sentenças.

Tabela 3: exemplos de futuro em Kaiowá

Particula	Frase
[-ta-] (futuro próximo)	a) [haʔɛ oho'ta õstndi've] haʔɛ o-ho- ta o- st niwe ela 3a.-ir- Fut 3a.refl-mãe Posp. (ela/e irá com sua própria mãe)

	<p>b) [kõ'ʔě rã'mõ oka'ruta]</p> <p>kõ'ʔě rã'mõ oka'ruta</p> <p>amanhã Subj 3a.-comer-Fut</p> <p>(Amanhã (ele) comerá)</p>
<p>[-arã-] (futuro Hipotetico)</p>	<p>[ʒe agwere'ko ã'rã petẽ'ʔi'oga]</p> <p>ʒe a- gwere- ko ã'rã petẽ'ʔi'oga</p> <p>eu 1sg-caus comit-ter Fut hip um casa</p> <p>(eu faria estar comigo minha casa)</p> <p>(‘eu teria a casa para mim’)</p>
<p>[-mõʔã] (futuro remoto)</p>	<p>Ha'ʔe odʒu'ka odʒu'ka mõʔã dʒa'gwa oisu'ʔumã</p> <p>Ha'ʔe o- ø ʏuka o-ø ʏuka mõʔã ɲagwa o-i- suʔu-mã</p> <p>Ele 3^a dir.matar. 3^a.dir.matar. fut.rem. cachorro 3^a</p> <p>dir. Morder.</p> <p>(Ele mataria o cachorro que mordece)</p>

(Cuadro elaborado por Paredes Moreno)

Cardoso (2008, p. 88) constatou também que em frases com verbos nominalizados com o afixo {-ha-} ou com a partícula {-waʔe}, o afixo marcador de tempo futuro é o sufixo {-rã}, além do sufixo {-ɲwã} para expressar o futuro próximo, ou o sufixo {-rt-} para expressar o futuro remoto.

Dessa maneira conseguimos conhecer mais um pouco sobre a estrutura dentro das frases em Kaiowá. E como a língua se comporta em sentenças que tem partículas que ajudam a indicar o tempo. Portanto, podemos dizer que estes exemplos são só uma pequena mostra de outros estudos preliminares que foram realizados, e que estão em

fase de desenvolvimento e podem ser tomados como referente para estudos posteriores que se pretendam realizar referente à língua Kaiowá.

O tempo na língua Kaingáng

O povo Kaingáng é um povo indígena encontrado no Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Segundo Veiga (*apud* Gonçalves, 2007), Kaingáng é o “termo difundido entre eles próprios e assumido como significado de índio que os identifica diante de “outros”, não-índios e outros povos indígenas.” Gonçalves (2007) diz em sua tese que até o final do século XIX e início do XX as aldeias Kaingáng viviam isoladamente, porém no Sul do Brasil, principalmente, a expansão agrícola e madeireiras começaram a ocupar essas terras violentamente. O início do século XX foi uma época de extremas ocupações, inibindo a permanência de culturas e tradições indígenas e mudanças na demarcação das terras indígenas.

Em meio a essa violência, os Kaingáng foram sendo reduzidos. Em São Paulo, por exemplo, “os Kaingáng foram reduzidos a dois grupos pequenos, em áreas reduzidas” (GONÇALVES, 2007, p.2). Mesmo assim, os Kaingáng são considerados um dos povos mais populosos do Brasil “com aproximadamente 30 mil pessoas distribuídas em cerca de 30 áreas indígenas diferentes entre os Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul”. (GONÇALVES, 2007, p.2)

Gonçalves (2007) faz um estudo da língua Kaingáng e o capítulo 6 é reservado para falar sobre o tempo nessa língua. Para explicar tal expressão, a autora fá uso de adjuntos adverbiais que localizam os verbos no tempo estabelecidos através do Momento da Fala (MF) que pode ser de anterioridade, posterioridade e simultaneidade.

Primeiro, ela fala de verbos que possuem duas formas para expressar o tempo: uma para o presente (“*fi*”) e outra para o passado (“*vyr*”). Observa-se no exemplo da autora essa ocorrência: “**Rākétá ta vyr³**. ontem (3p)+ms v. ir (pass.) ‘Ele foi ontem’.” (GONÇALVES, 2008, p. 110)

Quanto ao futuro, há uma forma para expressá-lo também:

Sa ã to há nĩ ra isa ã véj kātíg ge jēj mē.
1p 2p gostar ASP marcador (1p)+ms 2p v. ver (futuro) v.vir
sempre muito de modo

‘Se eu gostasse de você, viria ver (visitaria) você sempre’.

Desse modo, **vēj** é o futuro do verbo “*ve*”.

Para a marcação de tempo nessa língua, normalmente, nota-se a ocorrência de adjuntos adverbiais que localizam o tempo em relação ao Momento da Fala (MF), nesse caso de anterioridade, passado. Segue os exemplos de Gonçalves (2007, p.113):

Inh panh ta **rākétá** jun.
1p pai ms ontem v. chegar
'Meu pai chegou ontem'.

Rākétá kysãg ki ta ta kutẽ nñn.
ontem cedo em chuva ms v. cair ASP

'Ontem de manhã estava chovendo'.

A autora também salienta que a língua Kaingang dispõe de dois advérbios “*hur*” e “*ha*” que em português é “agora”. Essas palavras são empregadas com tempos diferentes, como no passado, por exemplo:

Inh panh ta jun **hur.**
1p pai ms v. chegar agora – pass
'Meu pai chegou agora'

No exemplo acima, o ‘agora’ não se relaciona com o Momento da Fala e sim com o Momento do Evento, ou seja, com o fato de chegar. Então, existe uma relação de passado entre o fato de chegar, o evento e o momento em que se enuncia o fato.

No exemplo abaixo, o advérbio de tempo “*ha*” exprime uma relação de presente entre o Momento da Fala e o Momento do Evento. O momento da enunciação do fato é o momento do ocorrido.

“Ta ta kãtĩg **ha.**
chuva ms v. vir agora
'A chuva está vindo agora'.” (GONÇALVES, 2008, p. 113)

Esse advérbio, também, pode aparecer no tempo passado fazendo referência ao Momento da Fala. No exemplo abaixo, “agora” está no tempo passado se relacionando com o momento da fala, “eu lembrava do nome dos passarinhos, mas, ‘agora’ não lembro mais.” Nesse momento, não lembra mais.

“Sa jēsĩ jyjy ki kanhró nĩ hãra ja ki kagtĩg **ha.**
(1p)+ms passarinho nome em v. conhecer ASP mas ASP em não
saber agora

'Eu conhecia o nome de (muitos) passarinhos, mas agora já esqueci'

Mrãj ka ta nĩ **ha.**
v. quebrar árvore ms ASP agora
'O galho está quebrado'” (GONÇALVES, 2008, p. 113)

Neste caso, não é o ato de quebrar que está no presente, mas sim o fato de já está quebrado. No Momento da Fala o galho já está quebrado, mostrando um “momento presente”.

Vāsý é outro advérbio de tempo usado na língua Kaingang. Pode significar “antigamente” localizando o evento como anterior ao momento da fala, porém, sem determinar exatamente quando aconteceu.

“*Vāsý inh sóg jēsĩ kar jyjy kĩgra nĩg nĩ vē*
antigamente 1p ms passarinho todos nomes v.conhecer ASPr
(modo)

hãra ũri inh pi kĩgra nĩ ha.
mas hoje 1p negação v. conhecer ASP agora

‘Antigamente eu sabia o nome de muitos passarinhos, mas agora esqueci (hoje não conheço mais)’.” (GONÇALVES, 2008, p. 114)

Há outros advérbios também comuns na referida língua como **Vajkỹ** que significa ‘amanhã’, localiza o evento como posterior ao Momento da Fala. Além desse advérbio, em uma frase pode aparecer marcas gramaticais de tempo futuro como ‘*jé*’, ‘*kej*’ e ‘*ke*’ :

“*Vajkỹ inh rēgró krãn rãj.*
amanhã 1p feijão v. plantar v.entrar,começar
‘Amanhã eu vou plantar meu feijão’.

Sa vajkỹ inh rãgró krãn **jé.**
(1p)+ms amanhã 1p feijão v.plantar marca de futuro
‘Eu vou plantar meu feijão amanhã’.

Vajkỹ inh mýnh fi ta krẽ vēne kej tĩg.
amanhã 1p mãe fem ms balaio ‘v.vender’ marca de futuro
v. andar
‘Amanhã minha mãe vai vender o artesanato (o balaio)’.

Furũn kãtãj inh ta ta kutéj ke nỹn kỹ.
apurado v.sair 1p chuva ms v.cair marca de futuro ASP por
causa de
‘Eu saí apressado porque ‘iria’ chover’.” (GONÇALVES, 2008, p. 116)

Nos exemplos acima vemos que estas marcas gramaticais indicam se referir ao Momento de Referência e não ao Momento da Fala, ou seja, o futuro está no ato de “chover”, o fato de ter saído apressado (passado) aconteceu porque poderia chover (momento referencial no futuro). Gonçalves (2008) ainda explica que não dispõe de informações sobre o uso dessas marcações de futuro por ser um estudo preliminar e pode ser uma indicação para estudos posteriores.

5. Considerações finais:

Cada uma das duas línguas tem suas marcações de tempo, seus advérbios e verbos que localizam o evento no tempo. A língua Kaiowá possui formas diferentes para cada tempo e por isso foi dividido em partes. Foi mostrado quais partículas são usadas no passado e como funciona no futuro, a marca de presente nesta língua é zero. O passado recente (não-futuro) e três tipos de futuro: próximo, hipotético e remoto também foi salientado.

Já na Língua Kaingang o tempo é referenciado ao Momento da Fala (MF) e/ou ao Momento do Evento (ME) e existe uma marca para cada tempo e uma marca pode expressar dois tempos dependendo da ordem da frase, como a partícula ‘ha’ (agora) que pode indicar tempo presente e tempo passado. Nesta língua usa-se muitos advérbios, entretanto, não se tem informações sobre esses usos. O que foi possível mostrar é como funciona a gramática de cada termo usado e o que expressa em cada frase.

O que se percebeu nas duas línguas é a diferença de tratar do aspecto tempo, ou por meio de partículas específicas determinando cada momento em que as frases acontecem ou relacionando com momento da fala (MF). Nesse sentido, percebe-se a relação de tempo tratado nessas línguas ligada à prática de enunciação, diferente da língua portuguesa, falando de gramática, em que há uma conjugação para cada verbo e assim sabe-se em que tempo a sentença está. Interessante notar como nenhuma língua é igual a outra, assim como costumes, valores e cultura.

Tomou-se como base as teses escritas por dois autores diferentes sobre cada uma dessas línguas e focou-se no Tempo. Portanto, este trabalho foi destinado a mostrar um pouco sobre a expressão de tempo nas duas línguas indígenas e entender que as línguas se diferenciam na prática e na gramática. A língua de cada povo não se limita apenas a comunicação, refere-se à cultura, costumes e conhecimento. Trata-se de mudar perspectivas e perceber a importância de preservar as línguas ao passo que povos e culturas podem se extinguir.

REFERÊNCIAS:

- CABRAL, Ana Suelly A.C; et al. **Xikrin e Línguas Tupí-Guaraní: Marcas relacionais**. In: Liames: línguas indígenas americanas. Campinas, SP: A/C Departamento de Linguística IEL/ UNICAMP, 2004.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. **História da linguística**. Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 4ª Edição. Petropolis, Vozes, 1986.
- CARDOSO, Valéria Faria. **Aspectos Morfosintáticos da Língua Kaiowá (Guarani)**. Pesquisa descritiva em São Paulo, 259f. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, 2008.
- CROWHURST, Megan J.; et al. **Un intercambio de Vocales Altas em el Sirionó (tupi-guarani)**. In: Liames: línguas indígenas americanas. Campinas, SP: A/C Departamento de Linguística IEL/ UNICAMP, 2002.
- GONÇALVES, Solange Aparecida. **Aspecto no Kaingang**. Pesquisa descritiva em São Paulo, 200f. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- GRANADOS, Héctor. **El Relativo de Sujeto em Kai'ña**. In: Liames: línguas indígenas americanas. Campinas, SP: A/C Departamento de Linguística IEL/ UNICAMP, 2003.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **A história das línguas gerais brasileiras: Um tema para pesquisa**. UnB, IL, LIV, Seminário de Pesquisa. Brasília. 1993.
- SCHADEN, Antro Egon. **Aspectos Fundamentais Da Cultura Guarani: Difusão Europeia do livro**. São Paulo. 1962.